

A INICIAÇÃO À PESQUISA COMO EIXO CONSTRUTOR DO *HABITUS* CIENTÍFICO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Jheny Kelly Fausto Lobo
Graduanda em Pedagogia – URCA/CNPq

Marcos Aurélio Moreira Franco
Professor Mestre – URCA/CNPq

Cicera Sineide Dantas Rodrigues
Professora Doutoranda – URCA/UECE

Elandia Ferreira Duarte
Professora Especialista – URCA

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados parciais da pesquisa: “O Papel da Iniciação Científica na Formação dos Estudantes de Pedagogia da URCA”. No processo investigativo optou-se pela abordagem qualitativa, buscando compreender os fenômenos a partir dos próprios sujeitos. Como método, utilizou-se a análise documental e também a pesquisa bibliográfica, recorrendo às produções sobre a relação entre pesquisa e formação docente. Foram, inicialmente, aplicados questionários que permitiu traçar um perfil dos bolsistas de Pedagogia da URCA, bem como identificar como se deu o ingresso deles na bolsa. Com base nos estudos bibliográficos e através da análise dos questionários, os resultados sugeriram que o envolvimento dos alunos em grupos de estudo contribui para o seu ingresso e atuação como bolsistas, assim como a necessidade de se pensar mecanismos de democratização, de acesso e de permanência dos alunos em projetos de iniciação à pesquisa como possibilidade formativa pessoal, profissional e social.

Palavras-chave: Formação de professores; Iniciação Científica; Pedagogia.

Introdução

O presente artigo se situa no âmbito dos estudos que versam sobre a Iniciação Científica no processo formativo do aluno de graduação. Vale ressaltar que ainda são restritos os estudos nacionais referentes a essa temática específica. Diante dessa realidade, é fundamental apresentarmos algumas dessas pesquisas que estão sendo desenvolvidas nas universidades brasileiras, sobretudo, nas faculdades de educação. Tais investigações compreendem a importância da Iniciação Científica na formação inicial docente.

Citamos inicialmente o trabalho de Brid e Pereira (2004) que investiga o impacto da Iniciação Científica na formação universitária, a partir das falas de alunos e

professores de diferentes cursos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), durante o período de 2000 a 2001. Os autores analisaram que a Iniciação Científica é um momento importante para o bolsista adquirir e desenvolver conhecimentos científicos e específicos que lhes possibilitam a incorporação de elementos formativos relevantes para o seu crescimento pessoal e profissional, por isso, para esses pesquisadores, é necessário que os cursos de formação docente contemplem em seus currículos espaços formativos que permitam “ao aluno vivenciar todos os benefícios da pesquisa, aprimorando sua formação” (p.86).

Também destacamos a investigação realizada por Sousa (2004) que revela os modos de ser pesquisador-iniciante, durante o ensino-aprendizagem da disciplina Orientação Monográfica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina, da Universidade de Pernambuco, em 2003. A autora concluiu que ser pesquisador é “conviver com angústias, dores, desejos, sonhos, possibilidades e limites, num processo em que a dimensão afetiva não pode ser negada” (p.20).

E finalmente focalizamos os estudos de Kirsch (2007) que compreendem a contribuição da iniciação científica no processo formativo docente de acadêmicas egressas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Com base nos dados coletados, a autora concluiu que a pesquisa na graduação possibilita o “desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo através do exercício do método científico, com a possibilidade de relacionar os estudos com a realidade investigada” (p. 89).

As análises de Esteban e Zaccur (2002), Pereira e Zeichner (2002), Coimbra (2008) e Fontana (2007) também contribuíram significativamente para aprofundarmos a discussão sobre a relevância da pesquisa como eixo na formação e no trabalho docente.

Partilhando e contribuindo com esse debate, a presente investigação analisa o papel da Iniciação Científica na formação dos graduandos do Curso de Pedagogia da URCA. Na pesquisa buscamos respostas para o seguinte problema: Qual a relação entre a pesquisa e a incorporação do *habitus* científico no processo formativo dos licenciandos em Pedagogia?

Ressaltamos que assumimos a opção teórica pela abordagem praxiológica, que busca superar as perspectivas que percebem a relação entre as estruturas objetivas e as estruturas subjetivas como antagônicas. O conhecimento praxiológico percebe as relações dialéticas entre indivíduo e sociedade, com a compreensão de que os agentes sociais “têm uma apreensão ativa do mundo, constroem visões de mundo que

contribuem de forma operante para conservar ou transformar a sociedade, dependendo das determinações estruturais e das posições internalizadas [...]” (CANESIN, 2002, p. 87). De maneira geral essa perspectiva epistemológica privilegia as relações de unidade entre subjetividade e objetividade, pensamento e ação, sujeito e objeto, teoria e prática.

Neste momento da pesquisa, realizamos a aplicação, recebimento e análise de questionários intentando-se traçar um perfil dos alunos bolsistas de Iniciação Científica. Os sujeitos da investigação foram selecionados com bases nos documentos coletados junto a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da URCA (PRPGP). A análise documental revelou dados sobre os bolsistas do Curso de Pedagogia vinculados ao Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC, financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP e Universidade Regional do Cariri - URCA.

Aplicamos questionários com doze perguntas abertas e solicitação de dados de identificação. Com base nos questionários e através de critérios previamente estabelecidos foi possível a definição dos participantes da pesquisa. Para tal, elencamos os seguintes critérios: de inclusão - bolsistas cuja bolsa se encontrasse em vigência até o período de início da pesquisa de campo, esta se deu no mês de fevereiro de 2013; e de exclusão - aluno de outra graduação com orientador docente do curso de Pedagogia, e aluno bolsista da presente pesquisa. Considerando tais indicações obteve-se, por fim, onze alunos selecionados. Em um segundo momento da pesquisa realizaremos entrevistas abertas com estes sujeitos, tendo em vista a continuação desse estudo que se propõe a refletir sobre o processo de incorporação do *habitus* científico em alunos de graduação participantes de projetos de Iniciação Científica.

Notas sobre a Internalização do *habitus* científico no Percurso de Pesquisa

É possível constatar, particularmente, no âmbito das universidades que, os estudantes são inseridos em um processo de incorporação sistemático de conhecimentos, que se diferenciam daqueles acumulados na vida cotidiana. A universidade, de certo modo, configura-se como espaço privilegiado em que, normalmente se efetiva a “fase inicial de acumulação de capital científico” (BOURDIEU, 2004, p. 36).

A busca pela incorporação do capital científico possibilita o processo de constituição do *habitus* científico, em que os indivíduos internalizam predisposições próprias desse campo. Desse modo, O *habitus* científico é compreendido como um:

[...] Sistema de esquemas gerador de percepção, apreciação e ação, produto de um modo específico de ação pedagógica que tornam possíveis a escolha de objetos de pesquisa, a forma de solucionar problemas e a avaliação das soluções, compatíveis com os bens simbólicos e os consumidores desses bens (MEDEIROS, 2007, p. 05).

Ademais, o processo de acumulação do capital científico “provém de um longo e lento trabalho de formação” (BOURDIEU, 2007, p. 59) e requer tempo, portanto, é uma tarefa difícil e complexa. Nessa perspectiva, a incorporação de certas disposições ao longo do percurso pedagógico e de pesquisa:

Pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação. O trabalho de aquisição é um trabalho do ‘sujeito’ sobre si mesmo (fala-se em ‘cultivar-se’). Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo; Não pode ser transmitido instantaneamente por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Depaupera-se e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória, etc.) (BOURDIEU, 2007, p. 74-75).

Com base no exposto, ressaltamos que os graduandos da Pedagogia que são orientandos de iniciação científica, imersos no universo da pesquisa, são constantemente chamados a realizar uma leitura sistemática da realidade e do objeto que investigam. Desse modo, ao longo da caminhada formativa, esses estudantes, interiorizam paulatinamente um jeito próprio de ser pesquisador, internalizando disposições, princípios e valores que passam a nortear suas concepções e ações. E assim, adquirem um olhar investigativo que começa na universidade, mas não pode encerrar-se nela. Logo, o saber científico (PIMENTA, 1999) “desenvolvido na universidade” pode servir de alicerce para as práticas profissionais futuras do graduando em Pedagogia, já que a tendência deste será articular o saber científico às práticas escolares, compreendendo-o como “suporte indispensável para a atividade do professor na escola, pois a fundamenta, tornando-a válida e consistente” (KIRSCH, 2007, p. 14).

No entanto, esta atividade que julgamos essencial na formação do educando, acaba sendo algo excludente e limitadora, visto não atingir todos os graduandos. Temos clareza das limitações estruturais existentes.

Por outro lado, acreditamos que, se o próprio curso através de seu Projeto Político Pedagógico, criar mecanismos sistemáticos de incentivo e fomentação a pesquisa, estará construindo possibilidades de incorporação e internalização nos licenciandos do que Bourdieu classifica como *habitus* científico.

Nesse processo, compreendemos que o ato de pesquisar reflete o caráter de inacabamento do ser humano, pois só se pesquisa porque há curiosidades, dúvidas, incertezas, busca de respostas, que jamais serão definitivas porque há um constante movimento da realidade que não permite respostas certas, verdadeiras, absolutas. Esse caráter de busca é inerente à atividade humana, portanto, a pesquisa reforça o pensamento de que “[...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio de sua experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente [...]” (FREIRE, 2002, p. 55).

Essa busca e a consciência deste inacabamento perpassam não apenas a formação acadêmica, mas atinge a vida do graduando em sua totalidade, reforçando a necessidade de democratização e acesso à iniciação a pesquisa a todos os universitários. Concebemos que este é um dos caminhos que tornará possível e palpável uma formação que busca cada vez mais atingir o ser humano de forma onilateral, que não dissocia as esferas que contribuem para sua humanização.

A Iniciação Científica e o Papel da Pesquisa na Formação Docente

Na caminhada de aprendiz da profissão docente e como pesquisador iniciante, o licenciando vai paulatinamente adquirindo um olhar inquiridor sobre a realidade, vai aprendendo a “problematizar, selecionar técnicas de coleta de dados, analisar dados para refletir sobre a prática docente e, a partir da compreensão dos problemas estudados”, vai buscando saídas para transformar a própria prática. Por isso, enfatizamos a reconhecida importância “da formação teórica para o pesquisador. É a teoria que vai munir-lo de elementos para interrogar os dados e procurar entender a trama de fatores que envolvem o problema que ele tenta enfrentar” (LUDKE, 2012, p. 42).

A negação da pesquisa como princípio educativo na formação docente é um agravante que tende a fragilizar ainda mais o trabalho do futuro professor, pois a inacessibilidade deste a formação e a prática de pesquisa faz com que o mesmo tenha “menos recursos para questionar devidamente sua prática”. A formação pela pesquisa torna-se um “recurso de desenvolvimento profissional, na acepção mais ampla que esse

termo possa ter” (LUDKE, 2012, p. 51). Embasados nessas discussões, temos a certeza de que,

Nos encontramos em uma encruzilhada fértil: de um lado, o reconhecimento da importância da pesquisa para o professor, de outro, o desafio de lhe assegurarmos as condições e a abertura para todas as formas de pesquisar que sejam necessárias para a busca de soluções aos seus problemas, sem comprometer o próprio estatuto da pesquisa. (LUDKE, 2012, p. 51- 52)

De certo modo, as políticas educacionais e as universidades brasileiras reconhecem que a pesquisa é condição essencial para garantir a qualidade da formação docente. E assim, nos espaços educativos universitários são articuladas possibilidades de formação pela pesquisa. Na maioria desses espaços há, comumente, o desenvolvimento de projetos de Iniciação Científica, do qual participam um número limitado de estudantes, indicados ou selecionados por professores orientadores que concorrem a bolsas de pesquisa vinculadas a programas oficiais de pesquisa. Normalmente, é um número bem restrito de bolsas. Para conseguir inserir-se nesses programas o professor formador deve apresentar um bom nível de produtividade científica. Como já dito, essa forma de trabalhar a pesquisa na universidade não abrange um número significativo de alunos, ficando muitos de fora dessa relevante experiência.

É digno de nota o entendimento de que não se pode pensar a pesquisa científica fora do contexto da formação de professores. Consideramos também que o ato de pesquisar reflete o próprio caráter do constante vir-a-ser do ser humano. Esse caráter de busca é inerente à atividade humana, portanto a pesquisa científica pode contribuir para favorecer a permanente humanização dos seres humanos, além disso, permite mudanças nas formas de pensar e perceber-se enquanto sujeito inserido num contexto social, que além de ser histórico, político, humano é envolto de mudanças e possibilidades nunca estagnadas, pois é constituído de homens que como já foi frisado anteriormente estão imersos e propensos a eternas e constantes mutações e transformações.

Nesta ótica, se não há práticas de pesquisa e exposições constantes e repetidas a atividades desta natureza, dificilmente ocorrerá a interiorização do *habitus* científico que permite a incorporação de um bem cultural denominado capital científico. Esse capital se manifesta em disposições incorporadas que, geralmente, provocam um olhar reflexivo e rigoroso do indivíduo sobre a realidade. Entretanto, nesse processo de

internalizações de significações, não se pode perder de vista que os agentes sociais agem ativamente sobre o contexto em que estão inseridos. Por esse motivo

não são partículas mecanicamente atiradas e impelidas por forças externas. São antes portadores de capital. Eles têm uma propensão a se orientarem ativamente, seja em direção a conservação da distribuição do capital, seja em direção a subverter esta distribuição (SILVA, 1998, p).

Partimos do pressuposto de que a pesquisa científica é um dos construtos formativos que colaboram para a convivência dialética da relação teoria e prática. Acreditamos ainda que pensar e viver dialeticamente é, antes de qualquer coisa, lançar um olhar reflexivo e epistemologicamente rigoroso sobre o mundo e seus fenômenos, por meio de um trabalho difícil e demorado que exige tempo. Tempo que não é rei, que não é absoluto, mas que exerce um poder transformador na maneira de concebermos as “velhas formas de pensar e de viver”.

Resultados Preliminares

Através dos questionários aplicados tivemos acesso a dados que contribuíram para a identificação dos alunos do Curso de Pedagogia que são bolsistas de Iniciação Científica, além de conhecermos a forma de ingresso e a condição de participação dos mesmos na bolsa de pesquisa.

No andamento da investigação, foram aplicados os questionários aos onze bolsistas selecionados e todos foram respondentes. Ressalta-se que esse número foi suficiente, uma vez que a investigação se preocupou com uma análise qualitativa dos dados.

Verificou-se que todos os alunos bolsistas eram do sexo feminino, com idades que variavam entre 20 e 29 anos. Das onze bolsistas, oito eram alunas do período noturno enquanto que três estudavam no turno da manhã; Nenhuma das alunas possuía outra graduação.

Apenas três alunas declararam assumir outra ocupação quando do período da seleção da bolsa. Duas destas atuavam como professoras da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental.

Em relação ao Programa de Iniciação Científica, três estavam vinculadas ao CNPq, seis à FUNCAP e duas eram financiadas pela URCA. Quanto ao tempo de atuação como bolsista, seis alunas responderam estar na bolsa a um ano, uma declarou

estar com dois anos, uma declarou estar com apenas nove meses, duas com quatro anos e uma afirmou atuar há três anos. Importa ressaltar que estas três últimas alunas somaram o referido tempo por haverem integrado pesquisas anteriores.

No tocante às sub-áreas das pesquisas foram identificadas: avaliação educacional; história da educação; formação de professor, avaliação de sistemas, instituições, planos e programas educacionais; educação matemática e educação infantil.

Acerca do processo de seleção para a bolsa, seis alunas declararam ter prestado um prova dissertativa e participado de entrevista, enquanto que cinco bolsistas afirmaram que foram escolhidas pelo pesquisador em virtude da sua participação em grupo de estudo.

Outra questão tratou sobre a participação em grupo de estudo ou envolvimento com a pesquisa científica quando da seleção da bolsa; observou-se que seis alunas já participavam de grupos de estudo, enquanto cinco afirmaram não participar de nenhuma dessas duas atividades.

Conclusão

Diante do exposto, evidencia-se a importância da pesquisa como eixo estruturador do sujeito pensante diante da sua realidade concreta, possibilitando a emergência do *habitus* científico no contexto da sua formação acadêmica.

Para tanto, a universidade precisa reconhecer na pesquisa uma ferramenta concreta de transformações individuais e coletivas, entendendo-a como uma ação formativa que demanda ampliação e investimentos. Assim, além de figurar como atividade voltada à produção de conhecimentos, a pesquisa também atua como promotora de estruturas subjetivas no sujeito. Significa dizer que tal formação além de capacitar para a realização de determinada atividade também funciona como matriz de formas de pensamentos, de interpretação e de ação.

No que se refere ao *habitus* científico pode-se supor que quanto mais o sujeito se integra e se apropria de determinado campo do conhecimento, mais se capacita para nele agir e a partir dele se perceber enquanto constituinte e constituidor de saberes. Esse entendimento nos permitiu vislumbrar que a participação dos alunos do Curso de Pedagogia da URCA em grupos de estudos, de alguma maneira favoreceu o ingresso destes como bolsistas de Iniciação Científica. Parece-nos assim que os grupos de

pesquisas são fortes iniciadores e incentivadores para que os alunos prossigam no campo da pesquisa e a tomem como lugar de atuação e formação.

Torna-se, necessário, portanto, pensar mecanismos de democratização, de acesso e de permanência dos alunos em projetos de iniciação à pesquisa como possibilidade formativa pessoal, profissional e social.

Enxergar na pesquisa uma lente ampliadora de visões e interpretações da realidade, concretiza o entendimento dos homens e mulheres, apontado por Paulo Freire (2002), como seres que estão com o mundo e não apenas no mundo, ressaltando-se assim o caráter de transformação inerente ao ser social. Enfim, o homem se constrói através das perguntas que se faz e da consciência de si mesmo, podendo ser compreendido como um sistema aberto e incompleto, pois, como já bem o disse o poeta Manoel de Barros “A maior riqueza do homem é a sua incompletude”. E nós dizemos que nesse campo a pesquisa é “abastada”, proporcionando a construção de um olhar reflexivo e questionador sobre o mundo a nossa volta em toda a sua complexidade.

Referências

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **O Poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRID, Jamile Cristina Ajub; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. O impacto da iniciação científica na formação universitária. **Olhar de Professor**. Ponta Grossa, Brasil, v. 07, p. 77-88, 2004.

CANESIN, Maria Tereza. A fertilidade da produção sociológica de Bourdieu para ciências sociais e educação. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs.). **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

COIMBRA, Camila Lima. **A pesquisa e a prática pedagógica como componente curricular do curso de Pedagogia: uma possibilidade de articulação entre a teoria e prática**. XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Porto Alegre, ENDIPE, 2008.

ESTEBAN, Maria Tereza; ZACCUR, Edwiges (orgs). **Professora-pesquisadora uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

FONTANA, Maria Iolanda. **A prática da pesquisa: relação teoria e prática no curso de Pedagogia**. In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2007, Caxambu. Portal da ANPED. Rio de Janeiro: Armazém das letras, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KIRSCH, Deise Becker. **A iniciação científica na formação inicial de professores: repercussões no processo formativo de egressas do curso de Pedagogia**. 2007. (Dissertação)- Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, 2007.

LUDKE, Menga. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. ANDRÉ, Marli. (org.) **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. **A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos programas de pós-graduação em educação no Brasil (1965-2004)**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife, 2007.

PEREIRA, Emilio Diniz; ZEICHNER, Keneth M. (Orgs.). **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

PIMENTA. Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **A universitarização do professor das séries iniciais do ensino fundamental: análise sociológica da experiência desenvolvida na UERJ**. 21^a Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG, set. 1998. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br>. Acesso em: 20 mai 2008.

SOUSA, Geida Maria Cavalcanti de. (Com) partilhando o sentido de ser pesquisador-iniciante no Curso de Pedagogia. **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, n. 10, p. 20-27, jan./jun. 2004.